

EVOLUÇÃO BIOLÓGICA OU MEDIAÇÃO CULTURAL? COMO A CIÊNCIA EXPLICA O COMPORTAMENTO MORAL HUMANO?

Lilliane Miranda Freitas, Sílvia Nogueira Chaves
Universidade Federal do Pará

RESUMO: Analisamos a construção da moralidade humana pelos discursos da ciência presentes na revista *Superinteressante* e seus efeitos sociais. Analisamos esta temática através do pensamento de Michel Foucault e dos Estudos Culturais para pensar na articulação saber/poder na produção da moralidade veiculada pelo aparato pedagógico da mídia. Como resultados, verificamos que a moralidade humana é explicada pela ciência como algo que seria inato e universal aos humanos e por isso viria impressa no aparato orgânico da espécie humana, sendo mantida pelo processo de evolução biológica. Entretanto, consideramos que nada há de universal e intrínseco no comportamento humano e que toda constituição moral das práticas sociais e seus significados são antes contingentes, históricos, isto é, são mediados culturalmente e simbolicamente marcados por regimes de verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Moral; Ciência; Subjetivação, Pedagogia cultural da Mídia.

OBJETIVOS

Analisar e discutir como a ciência opera na construção identitária da moralidade humana a partir de discursos biológicos veiculados em uma revista de divulgação científica e a produtividade social desses discursos.

MARCO TEÓRICO

Os pressupostos que utilizamos como ferramentas analíticas neste trabalho para discutir a construção da moralidade humana pelo discurso científico, são as noções de discurso e poder do pensamento de Michel Foucault e a noção de pedagogia cultural da mídia de alguns autores/as que trabalham no âmbito dos Estudos Culturais.

A noção de *discurso* torna-se importante uma vez que é utilizada tanto como pressuposto quanto ferramenta metodológica através da análise do discurso, que, sucintamente, busca definir o tipo de positividade de um discurso ao analisar uma formação discursiva (Foucault, 2008). Partindo dessa proposta de análise, buscamos verificar não o que está latente, mas o que está dito, interrogando a linguagem naquilo que ela produz e no que a produz. Por esse viés, os discursos não são, como anuncia Foucault, simplesmente um entrecruzamento de coisas e palavras, nem tão pouco os biológicos são

como um conjunto de signos de uma língua. O discurso define um domínio de objetos, uma “realidade”, isto é, ele produz os objetos de que fala. Dessa forma, o discurso modela práticas sociais, pois toda prática social tem seu caráter discursivo, por isso “nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (Foucault, 2008, p. 61). Eles são, porém, um conjunto de regras da prática discursiva, engendrada em condições que possibilitam sua existência, essas condições são dadas em arenas de lutas, de desigualdades, o discurso é atravessado pelo poder.

Pelo viés foucaultiano, o *poder* atravessa capilarmente todo o corpo social, não como uma força repressiva, negativa e centralizada, mas como produtivo, naquilo que ele é capaz de produzir em termos de efeitos, pois ele “faz”, incita, induz, fabrica sujeitos. Funciona como uma rede de dispositivos, uma maquinaria social, com estratégias, técnicas, dispositivos, e saberes, uma vez que nenhum poder se exerce sem a apropriação, distribuição e retenção de um saber. O poder é exercido pelos sujeitos e tem efeitos sobre suas ações (Foucault, 1997; 2008a).

Uma vez engendrados em arenas de poder/saber, os discursos científico/biológicos ganham amplitude e força ao serem veiculados pela mídia, e a circulação de tais discursos compõe vitalmente o processo de subjetivação dos indivíduos. Por esse entendimento, a mídia é chamada no âmbito dos Estudos Culturais, de pedagogia cultural, pois se constitui num dispositivo pedagógico, uma vez que nos ensina algo, nos transmite uma variedade de formas de conhecimento que são vitais na fabricação de identidades (Silva, 1999). Assim, as pedagogias culturais, também produzem significados, valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; subjetivam, representam; constituem certas relações de poder (Sabat, 2001). Elas indicam modos de proceder e constroem verdades através de múltiplas estratégias, nelas o poder é organizado e difundido em relações sociais assimétricas.

Nesse contexto, as revistas podem ser consideradas como um dispositivo pedagógico não só por serem utilizadas na escola como recurso pedagógico, mas por serem elas próprias pedagogias, ao participarem na composição da visão de mundo das pessoas, formando conceitos, que estruturam percepções, comportamentos e compreensões. Assim, torna-se importante reconhecer o papel que as pedagogias culturais da mídia têm na moldagem de identidades sociais e analisar como as representações são construídas e assumidas, ensinadas e aprendidas, mediadas e apropriadas no contexto de formações discursivas e institucionais particulares de poder (Giroux, 1995).

METODOLOGIA

Utilizamos como fonte de investigação empírica, a revista *Superinteressante*, uma revista de divulgação científica de publicação mensal e nacional, da Editora Abril. Para este trabalho, selecionamos a matéria “O que você faria?” para analisar os discursos biológicos utilizados que explicam, fundamentam ou descrevem identidades morais, tornando-as naturais. Discutimos a partir da análise dessa matéria as subjetividades morais fabricadas em relações de poder presentes em discursos biológicos, utilizados por cientistas e jornalistas de forma supostamente isenta de relações de forças sociais, culturais, políticas, econômicas, tomados como meras descrições, explicações, conhecimento.

Partindo da proposta de análise do discurso foucaultiano buscamos extrair, da matéria selecionada um conjunto discursivo sobre a construção de subjetividades morais, através do campo de saber que as definem – o biológico – contemplando os efeitos sociais dessas subjetividades. Buscamos, ao investigar no conteúdo da revista, analisá-la, teoricamente para trazer discussões sobre as relações de poder presentes nos conteúdos que são trabalhados por nós, professores/as de ciências, ao tratarmos esses saberes de forma acrítica, como verdades incontestes. Assim, questionamos os discursos biológicos que circulam com pretensa naturalidade e verdade e, os efeitos que podem produzir ao operarem na subjetivação da moralidade dos indivíduos.

RESULTADOS

Na matéria “*O Que Você Faria?*” verificamos uma noção de humanidade universal, que é uma crença enraizada numa “ideia de homem”, ou numa suposta “humanidade”(Costa, 2005; Larrosa, 1994). Destacamos o excerto abaixo, no qual há evocação do discurso do sujeito universal:

Assim como qualquer língua do mundo diferencia o verbo do objeto [teoria de Noam Chomski], a moral também tem suas regras universais, que cada cultura trata de forma diferente (...). Num artigo para o jornal New York Times, Pinker parodiou a tese de Chomski: “Nascemos com uma gramática moral que nos permite analisar as ações humanas mesmo com pouca consciência disso” (“O Que Você Faria?”, jun/2008, p. 84, grifos nossos).

A idéia de que nascemos com uma moralidade produz seu primeiro efeito de verdade ao estabelecer a existência de uma essência humana, portanto, uma “humanidade” inata e universal. Essa humanidade, além de universal, seria dotada de certa moralidade que já viria impressa em cada sujeito ao nascer, que permitiria aos homens compartilharem sentimentos, valores, comportamentos e decisões semelhantes, regidos por este “código de conduta” inato, essencial, inerente à humanidade. Porém, de que moralidade falamos? A moral teria “suas regras universais”?

Entretanto, ao nascermos, os códigos culturais, isto é, a “moralidade” já estão dados e somos ensinados desde a tenra infância sobre eles e de como viveremos a partir deles. Toda cultura, de acordo com Larrosa (1994) transmite certo repertório de formas de ser, e todo novo membro de uma cultura deve aprender a ser pessoa nas modalidades daquele repertório, que dita formas legítimas de ver o mundo, de se ver e as corretas formas de ser, e nesse caso de ser “sujeito moral”. Assim, os significados sociais são formações discursivas que devem ser transmitidas e aprendidas.

A moral diz respeito, segundo Foucault, ao “governo de si mesmo” (2008, p. 280), que é entendida no sentido de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens (Foucault, 1997). Assim, na frase “nascemos com uma gramática moral” é posto ao indivíduo a responsabilidade de conduzir-se conforme essa “gramática”, com a penalidade de ser tido como tendo nascido errado/anormal caso não se governe da maneira esperada.

Além disso, a ideia de uma suposta “humanidade” inata e universal presente na reportagem ainda impregna fortemente o campo pedagógico, em suas noções de educação e práticas educativas (Larrosa, 1994). Por esse viés, os conteúdos escolares são ensinados da mesma maneira, a um aluno universal, genérico, como se todos partilhassem da mesma experiência. Essa concepção pedagógica, segundo Costa (2005), leva a grandes equívocos na avaliação escolar, pois se procura, sempre, só verificar o que os estudantes fazem com os conteúdos e ignora-se o que os conteúdos e o currículo estão fazendo com os estudantes.

A existência dessa suposta essência humana, ou “gramática moral” partilhada pela humanidade é explicada na mesma matéria com base em argumentos da biologia evolutiva:

Para Greene [filósofo e psicólogo evolutivo], a diferença nas respostas aos dois dilemas pode ser explicada pela seleção natural. Durante milhares de anos da nossa evolução, os seres humanos que matavam os outros friamente atraíam violência para si próprios: eram logo mortos pelo grupo, gerando menos descendentes. Já aqueles que conseguiam se segurar conquistavam amigos e proteção, transmitindo seus genes para o futuro” (“O que você faria?”, jun/2008, p. 82, grifo e inserção meus).

Aquilo que seria essencialmente humano, nesse argumento biológico, se tornou inato e intrínseco ao homem por meio de um processo de seleção comportamental com base biológica. Ao longo da evolução as características adquiridas que tornavam a espécie mais apta - a suposta moralidade - a se desenvolver no meio em que vivia, foram selecionadas e transmitidas aos descendentes de forma inalterada. Nessa compreensão, nossa “humanidade” está fundada no aparato orgânico, no DNA da espécie,

como qualquer outra característica física, por exemplo, e seria expressa em formas de comportamentos e relações com outros e com o mundo nos moldes biológicos.

Através da perpetuação daquelas espécies que entendiamo assassinato como incorreto, formar-se-ia a “gramática moral” humana, da qual fala a reportagem. Entretanto, de onde provém esse senso moral que desencadeia o mecanismo seletivo e que nutre o processo evolutivo? Entendemos que a instituição da moral é produto da vontade daqueles que nas relações de poder estão com o privilégio de dizer o que é a verdade, de dizer o que é certo ou errado, moral ou imoral, estabelecendo marcas, regras para fazer acontecer um regime de verdade moral. Segundo Foucault, a moralidade tem a ver com os “jogos de verdade” que convencionam um modo reconhecidamente moral de se conduzir, é essa moralidade convencional que é rejeitada por ele. No caso dos fragmentos da matéria analisada temos o discurso da Ciência estabelecendo pela marca do biológico – a seleção natural – um padrão identitário de moralidade natural a ser seguido.

Assim, destacamos a importância de adquirirmos um alfabetismo crítico da mídia (Kellner, 1995) e passar a questionar aquelas representações histórica e socialmente construídas. Isto envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam nos modos de subjetivação, como eles significam e produzem significado, como eles constituem e organizam a percepção, neste caso, moral de seus/as leitores/as.

CONCLUSÕES

Buscamos evidenciar através da análise na revista Superinteressante o modo que a moralidade humana é explicada ali pelos discursos biológicos, como algo que seria inato e universal aos humanos. No entanto, consideramos que toda constituição moral e das práticas sociais é histórica e simbolicamente marcada pelo regime de verdade que cada sociedade possui. Em particular, torna-se importante como professores/as, desconstruirmos a ideia de universalidade de uma suposta “humanidade”, uma vez que os discursos biológicos constroem e reproduzem essa noção e inundam os currículos de forma silenciosa e não problemática. Isto gera uma aceitação automática e acrítica do conhecimento, contribuindo para justificar o autoritarismo e a dominação de determinadas práticas e condutas engendradas em termos econômicos, culturais, morais, políticos por aqueles que têm o privilégio de hierarquizar classificações.

Assim, convidamos os/as professores/as a pensarem suas práticas pedagógicas não apenas como transmissoras de conhecimentos, mas também como processos que fabricam sujeitos, produzem identidades, que são engendradas através de relações de desigualdade e poder, historicamente contingentes. Por isso, importa que a prática pedagógica seja uma prática escolar política, comprometida em criar espaços para transformação, subversão, interferência resistência e recusa das formas de fabricação de identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Costa, M. V. Currículo e Política Cultural. (2005). Costa, M. V. (org.) *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Foucault, M. (1997). *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008a). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Giroux, H. A. (1995). Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. IN: Silva, T. T. *Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes.

-
- Kellner, D.(1995).Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. IN: Silva, T. T. *Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Larrosa, J. (1994).Tecnologias do eu e Educação. IN: Silva, T. T. (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Marton, P. (2008).O que você faria? *Superinteressante*, v.253(6), pp. 80-84.
- Sabat, R. (2001).Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*,(1), pp. 12-21.
- Silva, T. T. (1999).*Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.